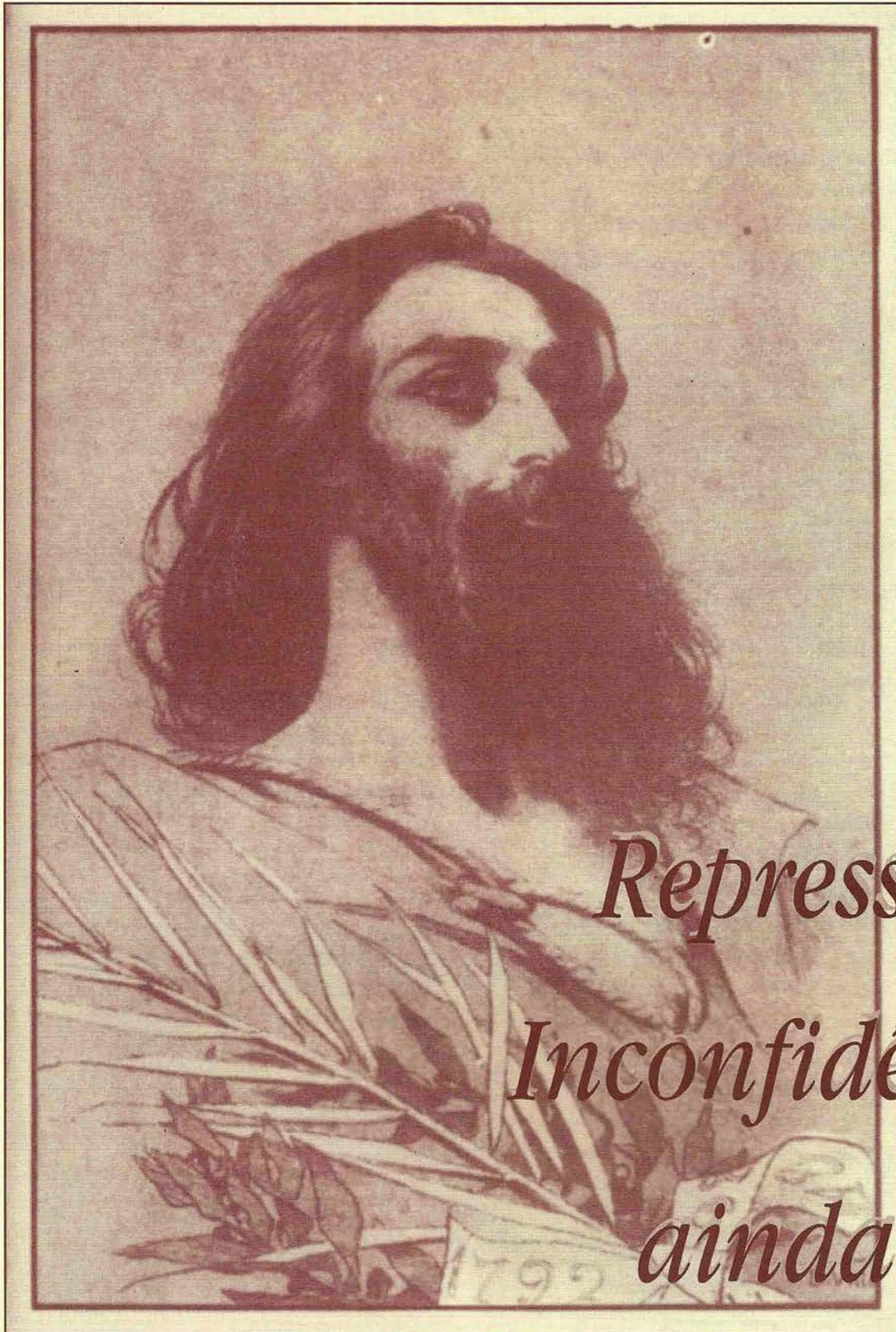




isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO III • N° 8 • 2001



*Repressão à
Inconfidência
ainda hoje*

editorial

T

ornou-se lugar comum dizer que o Brasil é um deserto de grandes heróis. A nossa evolução social vai sendo efetivada sem os embates dramáticos que produzem os perfis excepcionais. Temos a celebrar são lutadores anônimos que andam por aí vencendo adversidades e revelando que a tenacidade, o espírito de luta e o instinto da contribuição generosa estão presentes no país que vive o seu cotidiano. A possibilidade de identificar figuras que representem um símbolo e um chamado constitui carência por todos sentida.

2

Veza por outra, realizamos esforço para tentar superar essa questão. É quando arriscamos, com base em nossa herança negra e no sacrifício que a escravidão impôs a uma raça, erguer o líder Zumbi à condição de guia mítico do povo. Ou, noutro sentido, ressaltamos Juscelino Kubitschek como aquele que utilizou as forças da nossa fraqueza, numa fase ainda de pouco arrojo da afirmação nacional, para dar exemplo do que se pode fazer quando existe realmente o propósito de fazer. Da mesma forma procedemos ao destacar a coragem e combatividade de um destemido defensor dos interesses nacionais como foi Carlos Lamarca, personalidade invulgar da nossa história recente. Foram todos heróis, sem dúvida, mas que, por uma circunstância ou outra - talvez até por falta de perspectiva de tempo - ainda não chegaram a empolgar o conjunto da consciência brasileira.

O único filho desta terra que ganhou altura e perspectiva suficientes para simbolizar os nossos ideais de liberdade, a ponto de ser oficialmente consagrado na condição de herói cívico da pátria, foi Tiradentes. Contribuíram para isso as circunstâncias especiais em que decorreu o processo da nossa independência. O grito do Ipiranga, por mais que desejem os encomiastas do 7 de setembro, jamais chegará a repercutir forte nos ouvidos nacionais. Não é segredo para ninguém o arranjo que teve lugar naquele momento, promovido pela dinastia dos Bragança, que consentiu a separação na forma em que ela se deu, a fim de não perder o trono do Brasil. Já ficou também muito evidente a interferência, no processo, da diplomacia inglesa que defendia interesses egoísticos - o direito da sua gente continuar comerciando por aqui, após o retorno de D. João VI a Portugal.

Joaquim José da Silva Xavier é o único herói que o Brasil conseguiu até hoje consagrar. É fato que deve ser levado em conta por todos os que têm responsabilidades perante a nossa cultura. Tiradentes constitui alguém que deve ser preservado, antes de qualquer coisa, por razões políticas.

Capa:

TIRADENTES
Décio Vilarés

isto é inconfidência

ANO III • N° 8 • 2001

Publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais
Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233
museuinc@feop.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
Trimestral - out/nov/dez

Projeto Gráfico
Laís Freire dos Reis

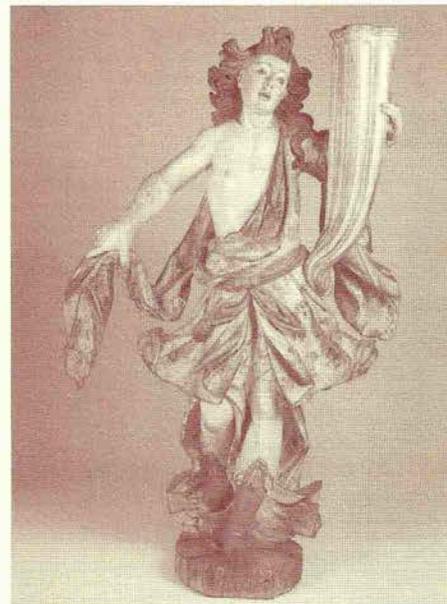
Editor
Rui Mourão

Vontade de Opinar

Jnacreditável o primarismo do comentário de Diogo Mainardi, pessoa desconhecida nos meios especializados, que entretanto a revista *Veja*, em sua edição de 27 de junho, acolheu para fazer afirmações despropositadas sobre o passado de criatividade brasileiro. Toldado pela contemplação da excepcional contribuição italiana, o articulista chegou a afirmar: "O barroco brasileiro nunca foi nem nunca será arte. É artesanato". Se tivesse melhor perspectiva, ele seguramente não acharia que "o contraste entre os toscos santos brasileiros e a igreja veneziana em que foram colocados é impiedoso" e faria um esforço para tentar compreender porque obras do Aleijadinho e seus companheiros do período colonial, expostas do Petit Palais, em Paris, receberam em três meses a visita de mais de oitenta mil pessoas, converteram-se em verdadeiros chamariscos, provocando continuada fila à porta de entrada da mostra e obtiveram profusa divulgação através dos meios de comunicação do país, a tal ponto que gerou texto até em Nova Iorque.

Um ilustre erudito francês, Edouard Pommier, considera que o êxito do projeto barroco é o seu "vazio doutrinal, que frustra nossos esforços de definição", fazendo dele "uma arte que não se opõe a nenhuma outra, mas se adapta a todas as situações". Foi tal circunstância que permitiu aos brasileiros a deglutição dos valores europeus - para falar em termos oswaldianos - e a criação da linha distinta de manifestações que terminou por ser aqui consagrada.

Jean Galard, diretor cultural do Museu do Louvre, em excelente artigo, intitulado "O Fervor Sereno" na tradução publicada pela *Folha de São Paulo*, procurou com rara argúcia caracterizar a contribuição brasileira para o barroco universal.



Ao contrário do que se observa em outros países, onde a carga de dramaticidade prepondera, o estilo entre nós trabalhado nasceu de uma aliança entre a intensidade do sentimento e certa impassibilidade contida. Há nela embutida "uma atitude pensativa, quase meditativa", distante por exemplo, ele acrescenta, "da gesticulação exaltada" de braços estendidos, rostos aterrorizadores, olhos transtornados, bocas abertas da "Pietà" de Anibal Carrache, que é de 1600.

Existe numerosa bibliografia que poderia encaminhar o senhor Diogo Mainardi para o entendimento do barroco brasileiro. Talvez ele devesse começar pela leitura de *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*, de Germain Bazin, que já é um clássico. O falecido conservador do Museu do Louvre considerou Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, como a mais alta expressão da fase final do barroco, mas no momento começam a aparecer estudiosos que pensam diferente, como o diretor do Museu de Arte Moderna de Montevidéu, de quem ouvi a seguinte frase: "O Aleijadinho não encerra a fase criadora do barroco mundial; o que ele na verdade constitui é o grande marco inicial da tradição da arte latino-americana".

RUI MOURÃO

AGENDA

A Ilha Ontem, Hoje e Amanhã

Como Salvar a Ilha de Moçambique

Participação e acompanhamento do professor Carlos Pinto Magalhães, da Universidade de Berna, Suíça, tetraneto do poeta-inconfidente Tomaz Antônio Gonzaga. O evento conta com o apoio do Círculo de Mulheres da Ilha de Moçambique, organização não governamental, que tem como objetivo a revitalização da fortaleza da Ilha de Moçambique, com o resgate da sua memória histórico-cultural.

Retrospectiva de fotografias e documentos sobre a ilha e sobre o árcade Tomaz Antônio Gonzaga; palestras e encontros de lusófonos; exibição de vídeos.

Abertura: 28 de novembro, às 20:00 horas.

Local: Auditório do Anexo I, Museu da Inconfidência

Período: 28/11/2001 a 13/01/2002

Promoção: MinC/IPHAN/Museu da Inconfidência

Prefeitura Municipal de Ouro Preto -

Secretaria Municipal de Cultura

Sada vez se vai tendo compreensão mais exata a respeito das motivações que, nos pródomos da nossa independência, levaram um grupo de homens, em Vila Rica, a desejarem o rompimento com Portugal. Os interesses se impunham diversificados. Ao lado dos que se deixaram influenciar pelo sucesso da revolução americana e eram adeptos das idéias dos enciclopedistas franceses, que descerravam cortinas para o futuro, havia os que, atuando em outra via, só tinham olhos para interesses econômicos pessoais. No meio ou ao lado desses, os oportunistas a desempenhar o seu papel de sempre, a reagir em função de ambições inconfessáveis.

Um historiador mineiro afirmou diante das câmeras de televisão: "Na conspiração o que não houve foi sentimento nativista. Àquela altura, todos por aqui se julgavam portugueses". De fato, colonizados e colonizadores, desde os nossos primórdios e até bem avançado no século XVIII, confundiam-se sob a consciência de uma única cidadania. Mas a uma afirmação assim tão radical, podemos contrapor a conhecida frase da pregação de Joaquim José da Silva Xavier que consta dos Autos de Devassa: "Se todos quisessem, faríamos dessa terra uma grande nação". Seria oportuno lembrar, também, um episódio que comprova o envolvimento popular na Inconfidência. Silvério dos Reis, o denunciante da conspiração, num sinal de que por aqui andava hostilizado, após a repressão levada a efeito pela rainha D. Maria I, viu-se obrigado a mudar de nome e fugir para o Maranhão.

Risco de Confrontação

4 Por que a história acabou destacando a conjuração mineira entre todas as manifestações de rebeldia contra a Metrópole, ocorridas na Colônia? A razão nos parece simples. Na área da mineração é que a discordância com Portugal poderia se encaminhar para confronto. A Coroa à época se nutria quase que exclusivamente do nosso ouro e do nosso diamante; de repente, um bando de conspiradores ousou o pensamento de estancar essas riquezas.

A circunstância de estar lidando com o que era fundamental para a sobrevivência da nação portuguesa constituía a questão crucial. A chamada Inconfidência Baiana, recentemente lembrada como manifestação talvez bem mais enraizada num ideário de liberdade e igualdade, acabou sendo preterida como bandeira de contestação quando, na campanha pela República, surgiu a necessidade de se afrontar a dinastia dos Bragança. Que ninguém se iluda, a possibilidade de risco verdadeiro para o Reino, que ameaçava se apresentar em Minas Gerais, é que foi capaz de produzir um herói.

O Grande Homem

A defesa da condição de herói de Joaquim José da Silva Xavier deve começar pela lembrança da sua pregação revolucionária, declaradamente patriótica. Ele procedeu com destemor, revelando abertamente as suas idéias. Essa atitude, que viria deixar exposta a conspiração, constitui até hoje motivo de reparo e controvérsia. Mas a arregimentação popular não teria que ser feita, a menos que se pretendesse produzir mero golpe de elite? A disposição de Tiradentes era a de revolucionário autêntico e, sob esse aspecto, o seu perfil contrastava com o dos companheiros de empreitada.

Homem inteligente e operoso, aquele a quem os brasileiros escolheram como símbolo dos nossos ideais de autonomia e liberdade, bem merece ocupar o trono - sem dúvida nenhuma grandemente mítico - em que se encontra. Frei Raimundo Penaforte, que o assistiu nos últimos dias na



*Repressão à
Inconfidência
ainda hoje*



prisão, registraria em comovente depoimento as suas impressões sobre o mártir mineiro:

Este homem foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a mesma natureza. Entusiasta, com o aferro de um Ranquer, empreendedor, com o fogo de um D. Quixote, habilidoso, com um desinteresse filosófico, afoito e destemido, sem prudência às vezes, e outras temeroso ao ruído da (...) queda de uma folha; mas o seu coração era bem formado.

Nascido numa família de proprietários de terra em decadência, Tiradentes ocupou-se de atividades várias, revelando a determinação de quem, por todos os meios, lutava para tentar de novo socialmente se situar. Praticou o comércio, realizou projetos ambiciosos que buscou implantar, suprimindo inegáveis deficiências da época, prestou serviços como charlatão e dentista.

Recentemente o historiador Marco Antônio Villa classificou a extração de dentes por ele praticada como uma atividade, à época, próxima da escravidão. Referências desse tipo ao trabalho escravo, todos nós sabemos, não fazem mais do que traír o preconceito aristocrático de certos setores da nossa sociedade, muito ciosos daquilo que gostariam de ser, mas que na verdade não são.

Abono Equivocado

Ao pecar contra a isenção - norma que deveria sempre acompanhar o trabalho intelectual - parece que o professor Marco Antônio tomou mesmo partido contra Tiradentes. Chegou a sugerir que o patrono cívico brasileiro teria sido massa de manobra na mão de capitalistas sonegadores do fisco. Ao invocar a autoridade de Kenneth Maxwell, autor da tese *Devassa da Devassa*, que levantou os aspectos econômicos da Inconfidência Mineira, ele esteve longe de fazer justiça à sutileza do ilustre brasilianista, que não pretendeu transferir, para os potentados econômicos da época, o comando do movimento conspiratório. O que o historiador inglês fez foi estabelecer uma perspectiva de maior complexidade para o estudo do episódio do século XVIII em Vila Rica, descerrando inesperada cortina que revolucionaria as abordagens até ali feitas pelos historiadores. As informações novas que trouxe à discussão, entretanto, de maneira alguma autorizam interpretações livres e mecanicistas.

*A*umentando com a passagem do tempo, que apaga marcas e deturpa fatos, alguns mistérios do período colonial mineiro não só desafiam pesquisadores como alimentam a criatividade popular e literária. Um deles diz respeito à deformante doença que teria acometido Aleijadinho. Muitas hipóteses e inventivas antecederam à exumação dos ossos do genial escultor, em 1998. Embora os exames tenham indicado que poderia ter sido portador de porfíria - mal que provoca úlceras na pele pela ação dos raios solares - a constatação não põe fim às dúvidas, inclusive porque os despojos desenterrados da Igreja da Nossa Senhora da Conceição estavam juntos a outras ossadas.

Mas se, em relação a Aleijadinho, existem pelos menos indícios materiais, nenhum vestígio ficou dos restos mortais de Tiradentes. Segundo certificado pelo

sua residência, à rua das Cabeças. Somente após o falecimento do velho, soube-se que teria sido ele o "ousado roubador da cabeça de Tiradentes", novamente desaparecida, talvez "calcada debaixo dos entulhos de paredes esboroadas da habitação" que a abrigou (*História e Tradições da Província de Minas Gerais*, Garnier).

Outros ficcionistas exploraram o tema, como Gilberto Alencar (*Tal Dia é o Batizado*, Itatiaia), para o qual o despojo estaria sepultado no Cemitério de São Francisco de Paula, por iniciativa piedosa da primeira namorada do alferes, com a ajuda de escravo forro deste e de um coveiro chamado João Santiago.

Em romance dito mediúnic, Marilusa Moreira Vasconcelos (*Confidências de um Inconfidente*, Radhu) assevera que a cabeça de Tiradentes foi subtraída pelos

A cabeça de Tiradentes na literatura

escrivão Francisco Luiz Alvares Rocha, "o réu Joaquim José da Silva Xavier foi levado ao lugar da forca levantada no Campo de São Domingos e nela padeceu morte natural e lhe foi cortada a cabeça e o corpo dividido em quatro quartos". Salgadas e conduzidas em sacos de couro, as peças ficaram expostas em pontos do caminho entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. A cabeça seguiu para Vila Rica e foi colocada em alto poste, guardado por sentinelas, erguido na então Praça da Cadeia. Tempos depois desapareceu, dando margem a muitas versões sobre seu destino. Uns diziam que havia sido levada pela enxurrada, outros que estaria escondida na base de um chafariz. Não faltou quem afirmasse que dela se apoderou um ente sobrenatural, visto em trajes de monge e sempre à meia-noite, ora na Cruz das Almas, ora no Morro da Forca.

Da boca do povo, as lendas sobre o paradeiro da venerável caveira migraram para a literatura, a partir de Bernardo Guimarães. Em conto escrito em 1867, ele diz reproduzir história da tradição mineira e dá conta de que o crânio do mártir da liberdade fora furtado por ancião solitário, que o conservou em nicho oculto em

próprios soldados incumbidos da sua guarda e sepultada na residência de Antonio Vieira da Cruz, em altar maçônico de autoria do Aleijadinho. A mesma versão, com algumas variações, consta de livro de Rui Mourão (*Boca de Chafariz*, Villa Rica), que descreve as infrutíferas buscas feitas no local, sob o comando do historiador Tarquínio J. B. de Oliveira.

Apontamentos do poeta Augusto Lima, divulgados pela *Revista de História e Arte* (Ano II, 1º sem. 64, Belo Horizonte), asseguram que o crânio do protomártir da independência, após furtado, ficou em poder dos frades da Terra Santa do Hospício de Jerusalém. Posteriormente, foi entregue ao cônego Américo Ribeiro de Carvalho, vigário da capela de Bom Jesus das Cabeças. Por ocasião das escavações na área onde seria assentado o atual monumento a Tiradentes, o clérigo e o próprio Augusto Lima sepultaram no local a relíquia. Ao que parece sem nenhum alarde. Devaneios poéticos ou fato concreto a ser confirmado?

Traído pelo texto

O *Cânone Colonial*, de Flávio Kothe (Universidade de Brasília, 1997, 416 p.), é livro que surpreende. Colecionando títulos acadêmicos - mestre, doutor, catedrático, livre docente em literatura - o autor se propõe a verificar "a falta de resistência de textos clássicos a uma análise crítica". Acontece que ele acaba sendo traído pela inconsistência do seu próprio texto. O leitor que vai à obra na expectativa de encontrar uma discussão séria, com a credibilidade de um especialista, na verdade se depara é com um dos mais absurdos erros de interpretação de texto que a cultura literária registra. No capítulo "O Arcadismo de Gonzaga", são examinados dois versos da Lira nº 1:

Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;

A palavra casal, aí empregada, tem sentido registrado no Aurélio: pequena propriedade rústica, granja. Nessa acepção,

ela foi usada por Eça de Queiroz em seus *Contos* (Porto, Chardron, 1902, p. 358): "Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais". Surpreendentemente, Flávio Kothe revela total desconhecimento dessa questão. Diz ele, à página 398: "Um 'casal' que possa 'dar' vinho, legume, fruta, azeite - só pode ser um casal de escravos". E arremata com um juízo histórico-político sobre o poeta inconfidente: "É estranho que se faça de um dono de escravos um libertador".

Tamanho despropósito ainda se completará com expressões inadequadas e fora do contexto. A afirmação (além dos mais inverídica) à página 387, de que Marília viria a casar-se "com um rico qualquer", será seguida, mais adiante, pelo comentário sobre o romance frustrado com Gonzaga: "A tragédia mineira acaba em pizza". O mesmo capítulo incluirá outra incorreção ao referir-se a Marília como Dorotéia de Castro (p. 409), quando o nome de batismo dela era Maria Dorotéia Joaquina de Seixas.

SÉRGIO AMARAL SILVA • JORNALISTA, ESCRITOR,
PESQUISADOR DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

PRODUTOS A VENDA

No natal, presenteie os amigos, ajudando na divulgação cultural.

- *Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho* - R\$ 15,00;
- *Música do Brasil Colonial* - vol. I - Livro - R\$ 22,50;
- *Música do Brasil Colonial* - vol. II - Livro - R\$ 25,00;
- *Acervo de Manuscritos Musicais* vol. I (livro) - R\$10,00
- *Acervo de Manuscritos Musicais* vol. II (livro) - R\$12,00
- *Imagens de Ouro Preto no séc. XIX* (postais) - R\$3,00
- *Imagens do acervo do Museu* (postais) - R\$3,00
- *O Alemão que Descobriu a América* - ensaio sobre a música colonial - Rui Mourão - R\$ 15,00;

- *Museu da Inconfidência* - Vídeo - R\$ 15,00
- *Guia do Arquivo Histórico* - R\$ 8,00;
- *Boca de Chafariz* - romance de Rui Mourão - R\$ 16,00;
- *Anuário do Museu da Inconfidência* (V,VI,VII,VIII,IX) - R\$10,00 cada.
- *A Nova Realidade do Museu* - ensaio de Rui Mourão - R\$10,00;
- *Servidão em Família*, romance de Rui Mourão - R\$19,00;
- *Os Olhos de Maré*, de Bete Salgado (livro para criança)- R\$8,00
- *Invasões no Carrossel*, de Rui Mourão (romance) - R\$ 37,00
- Camiseta da exposição temporária Divino - R\$ 15,00;

As encomendas por reembolso postal podem ser feitas pelos telefones (31) 3551-1121/ 3551-5233 ou pelo e-mail: museuinc@feop.com.br

O QUE DISSERAM SOBRE NÓS

A você e sua equipe, que mantêm o jovem *Inconfidência* em processo de constante renovação, todo o mérito por esta casa exemplar entre os museus do país.

CLÁUDIO MAGALHÃES ALVES
ARQUITETO

Quero felicitar os idealizadores e o editor desse expediente de comunicação e ligação com as atividades do Museu.

Cumprimento Maria José Assunção da Cunha pela matéria "Simbologia do Divino". Permito-me, entretanto, um reparo. Ao escrever sobre a água, a autora afirma: "Ela é fundamental na representação do sacramento que Jesus recebeu no Rio Jordão". Na verdade, o batismo de Jesus, que é o batismo de João, não é sacramento. O sacramento batismal, instituído por Jesus - usando também água - é de natureza diversa do batismo de João. Este era sinal de disposição penitencial, de mudança de vida, marca dos que se dispunham a acatar a pregação de Batista.

MONSENHOR JAMIL NASSIF ABIB
DIOCESE DE PIRACICABA

Gostaria de cumprimentá-lo pelo trabalho apresentado em *Isto é Inconfidência* e, em especial, a reportagem sobre o lançamento do filme *Alejadinho*.

MAJOR PM JOÃO LUNARDI
CHEFE DO CERIMONIAL DO GOVERNADOR

Vimos agradecer o envio do belo exemplar da revista *Oficina do Inconfidência*, que com seus substanciosos artigos, vem enriquecer o nosso acervo.

ANITA UXA
PRESIDENTE DA SOCIEDADE AMIGAS DA CULTURA

Comunicamos o recebimento da revista *Oficina do Inconfidência*, que será de muita utilidade para a biblioteca de Paracatu.

MARGARIDA HELENA ROSA
PARACATU

Oficina do Inconfidência, Revista de Trabalho, vem numa feitura gráfica belíssima, onde o papel pólen poliniza nossas emoções, vamos sonhando, com Vila Rica antiga e Ouro Preto de hoje. Gostei imensamente no *Isto é Inconfidência* da reportagem "Autos da Devassa: longa caminhada após o sequestro". Depois a sobre Ciríaco, artista desconhecido para mim e já uma de minhas afinidades, pelos seus Divinos. Coisas boas aprendi, completando minhas obscuras jornadas pelo terreno da Inconfidência. Como mineira e como brasileira, sinto-me feliz.

MERCÊS MARIA MOREIRA
ESCRITORA

Honra ao mérito ao *Isto é Inconfidência*. Artigos históricos de notável valia, apresentação gráfica moderna, fotos magníficas, notícias do mundo da arte barroca de grande interesse. A reportagem sobre Curt Lange foi excelente. *Ad majora semper!*

CÔN. JOSÉ GERALDO VIDIGAL DE CARVALHO
PROF. EMÉRITO DA UFOP E PROF. DO SEMINÁRIO DE MARIANA

Após a leitura de mais um número do *Isto é Inconfidência*, não poderia deixar de cumprimentar os colegas pelo excelente trabalho realizado.

LEONARDO BARRETO DE OLIVEIRA
ARQUITETO DA 13ª SR - IPHAN

Agradeço a gentileza de oferecer a esta admiradora do escritor e museólogo, a revista editada pelo Museu.

Primoroso trabalho, esplêndido conteúdo, estampado em sépia, que nos transporta ao passado. Considero os textos verdadeiros ensinamentos de história, arte e cultura.

REGINA BAWDEN
ADVOGADA

Agradeço-lhe o envio de *Oficina do Inconfidência* para a Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais. Aproveito para cumprimentá-lo pelo empenho na pesquisa, estampada nesta importante obra.

MAURO MASCARENHAS JR.
COORDENADOR DE EXTENSÃO DA ESMU

Gostei muito de *Isto é Inconfidência*. Parabéns pelo editorial, e pelo belo artigo "Descoberta que terminou em criação". Inesquecível Curt Lange!

FERNANDA DE CAMARGO-MORO
MUSEÓLOGA

Recebi o *Isto é Inconfidência* e o excelente *Oficina do Inconfidência*. Louvo a qualidade da impressão e principalmente do conteúdo.

ALOYSIO SÁ FREIRE DE LIMA

Meus parabéns aos editores do *Isto é Inconfidência*, publicação esmerada sempre com primorosos artigos. Não há dúvida de que os nossos pesquisadores em música seguem a estrutura raída do leque dos estudos musicológicos de Curt Lange. Parabéns!

MARIA AUGUSTA CALADO • MUSEÓLOGA

Obrigado pelas publicações, com saudade de Ouro Preto.

ALBUQUERQUE MENDES
ARTISTA PLÁSTICO - PORTUGAL

Reunião

A alta cúpula do IPHAN - que se completa com superintendentes regionais e diretores de Museus Nacionais - esteve reunida em Ouro Preto de 1 a 3 de outubro, no 4º Encontro de Planejamento e Gestão do Órgão.

O empenho do presidente Carlos Henrique Heck em manter com regularidade tais encontros é plenamente justificado. A articulação dos múltiplos setores, que funcionam em dispersão nacional, e a unificação do pensamento do grupo, de outra maneira não seriam alcançados.

A busca de local sempre diferente para esse trabalho também se explica: é um caminho para permitir que, aos poucos, todos acabem conhecendo a totalidade da área coberta pelas atividades patrimoniais.

Premiação

A área pedagógica do Museu da Inconfidência acaba de vencer o concurso "Experiências Exitosas na Área de Saúde Mental do Sistema Único de Saúde - Prêmio David Capristano da Costa Filho", da III Conferência Nacional de Saúde Mental, promovida pelo Ministério da Saúde.

O trabalho que se destacou foi o Projeto Girassol, realizado em Ouro Preto com a colaboração da Secretaria Municipal de Saúde.

Os cinquenta mil reais recebidos vão permitir a continuidade de um trabalho que tem alcançado cada vez maior penetração.

A nossa área pedagógica já conquistou o 5º lugar em competição internacional realizada pela UNESCO, na Noruega, quando representou o Brasil numa mostra de projetos educativos das cidades históricas do mundo.

Visitação

O preço do dólar, que vem inibindo as viagens internacionais dos

brasileiros, segundo parece, está fazendo subir o nosso índice de visitação. Constitui fato surpreendente que os meses de setembro e outubro tenham superado a frequência dos meses tradicionalmente fortes, como janeiro e julho. Ainda é cedo para uma conclusão a respeito, mas a direção do Museu não encontra outra explicação para o fato. O contingente de estudantes particularmente tem sido muito grande. Será que a Disneyworld vem assistindo à diminuição de seus habituais frequentadores?

Curso

D. Lygia Martins Costa, assessora aposentada do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é a maior especialista em arte sacra brasileira. Ela vem ainda dos tempos heróicos da repartição quando, sob a liderança de Rodrigo Mello Franco de Andrade, implantava entre nós a política de preservação patrimonial.

A convite do Departamento de Identificação - DID, dona Lygia ministrou, em Ouro Preto, oficina de três dias, em novembro, sobre o processo de identificação da obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Intinerante pela cidade, para colocar os participantes em contato direto com os trabalhos do genial escultor; o curso foi iniciativa que integrou o projeto Inventário Aleijadinho.

Inconfidência

Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, secretário de Cultura de Minas Gerais, comentando a cartilha Sociedade e História do Brasil, do professor Marco Antônio Villa, da Universidade São Carlos, afirmou:

"Se alguém quiser saber a importância singular da Conjuração Baiana de 1798, o melhor caminho será, antes a obra do respeitado historiador mineiro Francisco Iglesias, do que o atalho novidadeiro da cartilha.

As duas Inconfidências (referia-se aqui também à mineira) se distinguem fundamentalmente. Em Salvador da Bahia, os acontecimentos caracterizaram uma revolta violenta e produziram duros embates de rua, mas, em Minas Gerais, o que se viu, em círculos desfeitos antes que pudessem alcançar a praça pública, foi o desenho arrojado de um projeto de nação, no mesmo plano da Revolução Americana triunfante e das idéias iluministas que sustentariam a Revolução Francesa".

Nova Iorque

Foi inaugurada, a 18 de setembro, a grande exposição *Brazil: Body and Soul*, no Museu Guggenheim em Nova Iorque. Apresentado como âncora, no saguão central, o altar do Mosteiro de São Bento, de Olinda, obra de prodigiosa dimensão, de 17 metros de altura.

A rampa em caracol do espaço expositivo do Museu, que só acaba quando acaba o prédio, está exibindo conjuntos que documentam a evolução da criatividade no Brasil. Do barroco ao neoconcreto, passando pelo popular, o folclórico, o plumário, o pau-brasil, o construtivismo, a arte do inconsciente, o moderno, o conceitual. Em vãos espreitados existentes em cada andar, são mostrados vídeos: Oscar Niemeyer falando sobre a construção de Brasília, cenas de filme de Orson Wells na Bahia, documentário fotográfico sobre o Rio, etc.

O Museu da Inconfidência contribui com 6 peças de destaque.

Auditório

Com a construção do novo Anexo II e a reformulação da exposição permanente, mais uma obra não poderá deixar de ser feita. Será no saguão de entrada do auditório, no Anexo I, que vai precisar subir de categoria, para ficar à altura de todo o conjunto.